



## **Assessoria agroecológica e aspectos socioambientais da agricultura camponesa em Paraty/RJ**

Agroecological advice and socio-environmental aspects of peasant agriculture in Paraty / RJ

MATTOS, Claudemar<sup>1</sup>; COX, Mônica<sup>2</sup>; AMÂNCIO, Cristhiane Oliveira<sup>3</sup>

<sup>1</sup> PPGCiAC / UFRJ, claud3mar@gmail.com; <sup>2</sup>UFPE, monicacoxbp@gmail.com; <sup>3</sup>Embrapa Agrobiologia, cristhiane.amancio@embrapa.br

### **Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias**

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo geral identificar e analisar aspectos sociais, ambientais, técnicos e econômicos das práticas agroecológicas dos agricultores familiares das comunidades rurais de Paraty. O estudo foi realizado por meio de entrevistas semiestruturadas com 23 agricultores, combinadas com caminhada transversal. Foram levantados e analisados dados sobre a identificação dos processos mobilizadores dos agricultores, os benefícios econômicos, ecológicos e sociais e a destinação dos produtos agropecuários, a partir das mobilizações e iniciativas agrofloretais. Em Paraty, as comunidades rurais tradicionais possuem características camponesas, cujas percepções evidenciam potencialidades e contribuições positivas das suas práticas agroecológicas, tradicionais e adquiridas, sobre a agrobiodiversidade e as relações ecológicas da região. A valorização desta identidade camponesa, desde uma assessoria técnica com os princípios agroecológicos e sociais, favoreceu a adoção e apropriação dos princípios agrofloretais com base na sucessão das espécies, gerando inovações, produtos e alternativas de renda bem com ajudar na redução de intervenções predatórias sobre a flora e fauna local.

**Palavras-chave:** Agroecologia; Camponeses, Comunidades Tradicionais e Paraty.

**Keywords:** Agroecology, Paraty, Peasants and Traditional Communities.

### **Introdução**

No estado do Rio de Janeiro as concepções agroecológicas / agrofloretais estão presentes em algumas regiões e comunidades rurais, concretizando-se como uma forma de produção de alimentos alinhada com a resolução dos problemas socioambientais atuais. Estas experiências têm obtido ganhos sociais e ambientais para a ação de políticas públicas e de governo que privilegiem a agricultura familiar e camponesa fluminense, e nacional como um todo, a fim de ampliar seus efeitos benéficos sobre a conservação dos fragmentos florestais da Mata Atlântica (COX *et al.*, 2009).

No início dos anos 2000, em Paraty, os plantios de sistemas agrofloretais sucessoriais, com base agroecológica, foram adotados por agricultores tradicionais incentivados por membros do Grupo de Agricultura Ecológica (GAE/UFRRJ) e por técnicos. Destas primeiras ações foram geradas outras iniciativas financiadas por projetos de pesquisa científica e conservação ambiental, que procuravam desenvolver e testar sistemas agrofloretais para diferentes espécies e combinações, favorecendo



as alternativas sustentáveis de produção e de geração de renda adaptadas à situação das comunidades rurais. (MATTOS, *et. al.* 2002)

Sevilla Guzmán (2005) ressalta a importância social da agroecologia, contribuindo com o debate de que esta somente adquire sua natureza definitiva ao articular os aspectos técnicos com os aspectos sociais que geram um acesso equitativo aos recursos. Nesta perspectiva, a busca da sustentabilidade na agricultura e no desenvolvimento rural implica em reconhecer a existência e a importância dos agricultores tradicionais e camponeses, pois a história destes grupos sociais, na medida em que se vê fazer, se escuta para poder dizer, permite explicar e devolver os seus conhecimentos usados para a sua sustentabilidade.

Este trabalho teve como objetivo identificar e analisar aspectos sociais, ambientais, técnicos e econômicos das práticas agroecológicas desenvolvidas por agricultores familiares das comunidades rurais de Paraty que afetam a conservação dos ambientes manejados e a cobertura florestal natural do local.

## **Metodologia**

Este trabalho foi realizado em Paraty, na costa sul do estado do Rio de Janeiro, Brasil. Nesta região, há uma diversidade de condições de agricultores familiares, voltados para a produção de autoconsumo com comercialização dos excedentes e produção de artesanato com recursos locais. A principal atividade econômica do município é o turismo e o veraneio. Porém, existem agricultores que se mantêm das atividades agrícolas e extrativistas, relacionadas ao mar e às florestas. Com a abertura da rodovia Rio-Santos, uma combinação de fatores como o crescimento das atividades turísticas e a consequente especulação imobiliária, acentuaram o declínio da prática agrícola causada pela decadência da produção de banana na década de 1990 e pela criação de unidades de conservação que ocupam quase 2/3 da área do município.

Nesta pesquisa, realizada entre maio e julho de 2010, foram entrevistados 23 agricultores tradicionais com práticas agroflorestais, presentes nas comunidades rurais de São Gonçalo, Sertão do Taquari, São Roque, Mato Dentro, Paraty Mirim, Campinho, Córrego dos Micos e Patrimônio. Adotou-se o estudo de caso como delineamento da pesquisa, devido a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências, como documentos, entrevistas e observações (YIN, 2001).

A primeira etapa consistiu em um levantamento, por meio da consulta dos arquivos pessoais do autor e de contatos locais, de agricultores familiares que participaram das atividades dos projetos de incentivo ao agroecoturismo, à produção agroecológica e à implantação de sistemas agroflorestais dinamizados pela Residência Agrônoma em Paraty executados a partir do ano de 1999. Este levantamento resultou em uma lista com cerca de 40 agricultores, que então foi utilizada como referência para planejar as idas a campo.



Na segunda etapa foram feitas as entrevistas semiestruturadas, combinadas com a caminhada transversal (VERDEJO, 2007), a fim de proporcionar um contexto de interação com os sujeitos sociais do objeto de pesquisa. Assume-se que a interação entre ambos e a mútua influência são partes da investigação, proporcionando o diálogo de saberes, a recuperação e comunicação das experiências vividas, que possibilitaram a produção e a troca de aprendizados e o registro das experiências, bem como a flexibilidade necessária para o pesquisador aproveitar e manter-se atento a novas descobertas.

As respostas relativas à identificação dos processos mobilizadores dos agricultores, caracterização dos atores sociais envolvidos, os benefícios econômicos, ecológicos e sociais, a destinação dos produtos agropecuários e os entraves e dificuldades encontradas nos processos e iniciativas agroecológicas/agroflorestais, foram os temas considerados relevantes para compreender a influência das práticas agroecológicas, como expressões camponesas, sobre o agroecossistema local.

## **Resultados e Discussão**

A flexibilidade metodológica, a criatividade, a combinação de métodos de pesquisa qualitativa e com dados quantitativos e o delineamento do estudo de caso favoreceram a adequação do rol de perguntas do questionário, que estava voltado para as áreas de agrofloresta, a partir de uma abordagem holística e sistêmica, própria da Agroecologia, na análise dos fatos e das características da agricultura camponesa da área de estudo.

Os agricultores entrevistados tiveram contato com as práticas agroflorestais sucessionais em meados no ano 2000 e durante o ano de 2008. A mobilização da comunidade em torno da agrofloresta também contribuiu para que outros agricultores se motivassem a conhecer as práticas agroflorestais sucessionais. Em Paraty é comum os agricultores desempenharem o papel de agricultores multiplicadores, disseminando e incentivando outros agricultores a participarem, seja pela indicação ao acompanhamento técnico, seja pelo convite direto para participar das visitas técnicas de intercâmbios e cursos.

O quintal agroflorestal, o consórcio de cultivos simples e o bate jangada (manejo da mata para o plantio e cultivo da banana, deixando-se algumas árvores companheiras na produção) são práticas agroecológicas e formas de produção camponesa, que se assemelham e/ou inspiraram o sistema agroflorestal sucessional implantado. Estas práticas foram importantes para motivar os agricultores entrevistados na adesão aos plantios agroflorestais mais complexos e sobretudo, no aumento da densidade de espécies arbóreas, frutíferas e palmáceas.

Os processos de envolvimento com as práticas agroflorestais proporcionaram uma diversidade de impactos, tais como: prática de coleta de sementes florestais, produção e venda de mudas, manejo da fertilidade do solo, uso da adubação verde, entre outros. Entretanto, o uso de queimadas e o desmatamento foram as práticas mais citadas



pelos agricultores que deixaram de ser utilizadas devido ao conhecimento e uso das práticas agroflorestais. O extrativismo predatório do palmito juçara (*Euterpe edulis*) foi a prática que deixou de ser hábito devido ao contato com as experiências agroecológicas e práticas agroflorestais.

A existência das modalidades de diversificação resultante do processo evolutivo da humanidade, conforme Toledo & Barrera-Bassols (2015) é observável e proporcionado pela agricultura local: diversidade biológica, diversidade cultural, e da combinação entre elas; a diversidade agrícola e a diversidade paisagística, pois há uma variedade de práticas de produção agrícola com base camponesa. A “criação humana de novas paisagens” (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 22) faz parte de um processo de diversificação. A maior parte das moradias ou áreas de lavouras existente em Paraty é uma perfeita evidência de áreas humanizadas, que domesticam e complementam o espaço e o ritmo dos processos naturais, sem substituí-los ou afetá-los integralmente. Dos três desenhos de ecossistemas, que visam incluir modificações no ambiente natural a fim de garantir outros produtos além da caça, pesca e extrativismo, por meio do manejo adequado dos processos ecológicos, a forte presença de quintais e roças agroflorestais em mosaicos é comum nas comunidades rurais de Paraty.

As comunidades caiçaras, as mais próximas tanto no espaço como no modo de vida, do mar e das praias, se caracterizam por recorrer mais ao meio ambiente natural (MAN) para caça, uso de produtos florestais (palmito, madeira, cipós etc.) e, principalmente, para a pesca. No entanto, suas áreas de roça e moradia caracterizam um meio ambiente transformado (MAT), em que as mudanças na estrutura, dinâmica e arquitetura dos ecossistemas são semelhantes aos quilombolas, que por sua vez extraem mais produtos florestais não madeireiros para o uso no artesanato, e, como os caiçaras, também cultivam lavouras para o autoconsumo. Já os demais agricultores talvez sejam os que mais modificam os ecossistemas, mas sem perder as suas características da racionalidade ecológica ressaltada por Toledo (1993). Os agricultores mantêm relações com o meio ambiente social (MAS), pois estes realizam intercâmbios econômicos dentro e fora da comunidade, vendendo seus produtos, ou comprando outros bens para o seu uso. Ressalta-se, porém, que embora possa haver uma distinção nos níveis de intervenções nos ecossistemas, os limites não são claros. Os agricultores de base tradicional e camponesa existentes em Paraty (caiçaras, quilombolas, assentados rurais e outros agricultores) podem permutar nos dois espaços de relação sociais e econômicas (MAT e MAS), porém mantêm-se afastados de uma agricultura familiar empresarial, pois sua produção está baseada mais em intercâmbios ecológicos do que em intercâmbios econômicos.

A característica dos intercâmbios ecológicos pode ser percebida na não especialização, e, na diversidade de recursos, de produtos e de práticas produtivas que, ao mesmo tempo são geradoras de rendas e garantia de autonomia e de resistência, se configurando uma estratégia multiuso (TOLEDO, 1993). Ainda conforme ressalta o referido autor, no que se refere à satisfação dos requerimentos básicos para a vida, percebe-se que os agricultores familiares de Paraty produzem (plantam, colhem e coletam) tanto para a sua alimentação, e também para a



fabricação de artesanato, materiais para casa, para medicamentos e para combustíveis. Esta característica configura uma economia com princípios naturais e inserida em um processo ecológico, pois detém um certo grau de autonomia garantida pelo controle da base de recursos disponíveis.

A comercialização dos produtos excedentes é feita por todos os agricultores entrevistados, contudo acessando mercados distintos e fortalecendo a produção para o autoconsumo. O processo chave da produção para o uso pelas famílias dos agricultores entrevistados, mesmo que haja uma produção de excedentes, não é acumular capital e nem transformar substancialmente o sistema. As estratégias de autoconsumo com multiuso dos agricultores entrevistados, são mecanismos para reduzir os riscos, se constituindo numa característica valiosa que tende a conservar os recursos naturais, mantendo a diversidade biológica e, ao mesmo tempo a segurança alimentar das famílias.

## **Conclusões**

A referida pesquisa possibilitou compreender que há uma identidade agroecológica e camponesa em Paraty, que foram favorecidas por uma prática de acompanhamento técnico sob os princípios agroecológicos a partir de 1999. A atuação dos estudantes do GAE e o Residente em Agronomia contribuíram com o caráter camponês das comunidades rurais de Paraty, fortalecendo a identidade social agroecológica pré-existente. Favoreceram a adoção e a apropriação dos princípios agroecológicos como movimento e prática, possibilitando práticas agroflorestais com base na sucessão das espécies, com geração de inovações, produtos e alternativas de renda. A abordagem agroecológica colaborou com a resistência e autonomia camponesa local, e também para reduzir intervenções predatórias sobre a flora e fauna local, em especial o uso do fogo no preparo de áreas para a produção de alimentos e a extração predatória do palmito juçara. A contribuição positiva também favoreceu, em alguns casos, a atenuação dos processos negativos de perversão mercantil, expansão imobiliária e turismo de massa sobre as comunidades rurais.

## **Referências bibliográficas**

COX, M.; et al. Desenvolvimento participativo de metodologias e processos de construção do conhecimento agroecológico no estado do Rio de Janeiro. Resumos do VI CBA e II CLAA, **Rev. Bras. de Agroecologia**/nov. 2009 Vol. 4 No. 2. pp. 3562-3565.

MATTOS, C.; et al. Aspectos da utilização de sistemas agroflorestais como promotores de desenvolvimento local das comunidades rurais no município de Paraty /RJ. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, IV, 2002, Ilhéus. **Anais CEPLAC**. Ilhéus, BA, 2002.

SEVILLA GUZMÁN, E. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. In: **Agroecologia: Princípios e Técnica para uma agricultura orgânica sustentável**.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



AQUINO, A. M e ASSIS, R. L. (editores técnicos). Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. 517 p.

TOLEDO, V. M. et BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. Tradução de Rosa Peralta. – 1 ed. – São Paulo : Expressão Popular / ASPTA, 2015. 272 p.

TOLEDO, V. M. La racionalidad ecológica de la producción campesina. In: SEVILLA GUZMÁN, Eduardo e GONZÁLEZ DE MOLINA, Manuel (Orgs.). **Ecología, Campesinado e Historia**. Madrid, Genealogía del Poder n.22., Granada/Córdoba, Las Ediciones de la Piqueta. 1993. p. 197-253.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo: guia prático**. Décio Contrim e Ladjane Ramos (revisores). Brasília: MDA / Secretaria da Agricultura Familiar, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. [Trad. Daniel Grassi]. Porto Alegre, RS: Bookman, 2001.